

**António Rodrigues Sampaio visto por Teixeira de Vasconcelos**, Conferência apresentada por António Ventura (UL/FL)\* – Recensão, por Rita Correia.

São poucos os que têm alguma memória de Augusto Teixeira de Vasconcelos (1816-1878) e mesmo essa minoria conhece-lhe, fundamentalmente, a actividade literária – sobretudo a obra o **O Prato de Arroz Doce** – e pouco mais. Uma injustiça, na perspectiva de António Ventura (AV), já que Teixeira Vasconcelos (TV) constitui um desafio: pela sua personalidade multifacetada, atenta ao que o rodeia e interveniente, mas independente das forças em presença e que, por isso mesmo, não se deixa “catalogar” facilmente.

Assim, AV iniciou a sua comunicação com um esclarecimento sobre quem foi esse homem, nascido no Porto, a 1 de Novembro de 1816, filho primogénito e único do brigadeiro António Vicente Teixeira de São-Payo, que se celebrou como chefe do primeiro levantamento militar contra o invasor napoleónico, conhecido pela Revolução Transmontana.

A sua ascendência e educação militar transmitem-lhe uma formação “tradicionalista”, marcada por uma oposição absoluta ao “jacobinismo” e aos ideais da Revolução Francesa (1789). Não causa por isso qualquer estranheza o seu envolvimento com as forças fiéis a D. Miguel, o Absolutista, durante as chamadas Guerras Liberais (1828-1834).

Com a derrota dos “miguelistas”, afasta-se das lides militares e recolhe à segurança do solar da família, a Casa de Coura, no concelho de Paredes (Porto). Em Maio de 1834 celebra casamento com D. Antónia Adelaide da Cunha e Alarcão de Portocarrero e quatro anos depois, no mesmo ano em que lhe nascia a filha, matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, donde sairá, em 1844, formado em Direito.

É durante a sua formação académica e por via da actividade editorial que então inicia, que se nos vão revelando algumas das características da personalidade de TV, e até o seu pensamento político, que, de alguma forma, explicam o seu apreço por ARS.

Logo no primeiro ano do curso, envolve-se com a contestação estudantil aos métodos e aos docentes da velha Universidade e publica, na cidade do Porto, a **Carta Filosófica e Crítica sobre o Estudo da História Portuguesa**. A questão tem prosseguimento numa polémica entre TV e o Prof. Castela de Lemos, da qual resultará um novo folheto: **Nós e eles, Primeira Parte das Memórias de António Augusto Teixeira de Vasconcellos, Estudante do Segundo Ano de Direito**.

Paralelamente a estas actividades no meio académico, que rapidamente conferem a TV o estatuto de líder, permanece o seu interesse pela política e concretamente pela causa “miguelista”. Em 1842, assume a defesa dos deputados legitimistas que pretendiam ser dispensados de juramento a D. Maria II antes de tomarem assento, através da publicação do folheto **O Juramento dos Deputados Realistas**. A partir desta data, TV inicia uma intensa actividade política, fazendo dos jornais e dos folhetos tribuna de onde propagandeia a estratégia política que, na sua opinião, melhor defende o “miguelismo”: uma aliança à esquerda, isto é, com o Partido Progressista, na sua luta contra a restauração da Carta Constitucional – objectivo prosseguido pelo governo “cartista” de Costa Cabral –, seria a melhor forma de derrubar a filha de D. Pedro. Ideias que defenderá, quer no jornal dos

---

\* Conferência apresentada no âmbito do Ciclo de Colóquios **António Rodrigues Sampaio, Jornalista e Político**, 4º Colóquio: **Rodrigues Sampaio visto pelos seus contemporâneos**, 1.ª Comunicação (6 de Dezembro de 2006, Casa Fernando Pessoa).

legitimistas, **Portugal Velho**, quer na **Oposição Nacional**, periódico progressista que funda com vários radicais.

Por esta altura, António Rodrigues Sampaio, no seu jornal **A Revolução de Setembro**, entrega-se também ao combate anti-cartista, o que levará ao encerramento da respectiva tipografia e à prisão dos seus distribuidores. E é precisamente neste periódico que TV tornará público o seu afastamento em relação ao Partido Legitimista, decisão despoletada pela fraca receptividade (e mesmo oposição feroz) que grande parte dos “miguelistas” manifestou em relação à sua estratégia política.

Concluída, entretanto, a licenciatura (1844), TV instala-se em Lisboa e dedica-se à advocacia, sem descurar, no entanto, o seu gosto pela escrita. Na capital, funda e dirige a revista **Ilustração**, onde publicará parte (primeiro volume) da sua primeira novela **Roberto Valença**.

Dois anos depois, na sequência dos levantamentos populares da Maria da Fonte que agitam o Porto e que culminarão na revolução de 1846, TV e ARS estão novamente no mesmo lado da barricada. TV desloca-se para a sua cidade natal e acompanhará de perto o desenrolar dos acontecimentos. O seu mais conhecido romance, **O Prato de Arroz Doce**, de 1862, é considerado uma reportagem pormenorizada sobre esse período de sangrenta guerra civil, que ficou conhecido por Patuleia, onde se digladiaram as forças fiéis ao Governo de Saldanha, que D. Maria sustinha, e as que apoiam a Junta Suprema do Governo do Reino (sedeada no Porto) que inclui progressistas, miguelistas, e até alguns cartistas. Um “puzzle” complexo e desconcertante que TV tentará explicar na sua obra. Por seu turno, ARS, apesar de obrigado à clandestinidade, também acompanhará de perto o desenrolar dos acontecimentos e será tuma voz interveniente através do seu famoso jornal clandestino **Espectro** (Dezembro de 1846 a Julho de 1847).

Após a Convenção de Gramido (Junho de 1847), que pôs fim à guerra civil, TV regressa a Lisboa e retoma as suas actividades: a par da advocacia, colabora na **Revista Universal** e no **Ateneu**.

Mas foi uma estada de curta duração. Em 1850, TV embarca para Luanda, em Angola, onde se notabiliza ao ponto de ser eleito presidente da Câmara Municipal daquela cidade. No desempenho do cargo e da descoberta de uma série de irregularidades relacionadas com o tráfico de escravos, que envolvem o governador, TV redigirá para **A Revolução de Setembro** uma série de artigos onde denuncia a situação.

A sua presença abrupta em Lisboa (1851) e o recurso à imprensa são despoletados por uma tramóia do próprio governador, que para se desembaraçar de TV o convence que o Governo do Reino o havia chamado à capital. Aí chegado, e apercebendo-se da trama que lhe haviam montado, TV usa a palavra para intervir. Além do jornal, publica um folheto intitulado **Carta acerca do Tráfico de Escravos na Província de Angola** que endereça ao ministro da Marinha e ao secretário de Estado do Ultramar.

Após este episódio, TV não regressará a Angola. Mantém-se em Lisboa e dedica-se ao jornalismo, fundando o jornal **Arauto**, que dirige e redige durante quatro anos. Decide, então, contactar de perto com as mudanças que ocorrem na Europa e, na qualidade de correspondente dos periódicos «**O Comércio do Porto**» e d’«**A Revolução de Setembro**» inicia uma digressão pela Europa.

Em 1856, instala-se em Paris, onde desenvolve actividade como escritor e editor, dando a conhecer episódios e personalidades que considera marcantes no evoluir da História de Portugal e que podem servir de “modelo” no presente. É neste contexto que se devem enquadrar as obras em que TV se centra na figura de António Rodrigues Sampaio: em 1856, edita, em língua francesa, o livro **António Rodrigues Sampaio, o jornalista**; cerca de três anos depois, 1859, no âmbito da colecção «Livros para o Povo», publica **O Sampaio da Revolução de Setembro**. Mais tarde, em 1861, volta a recordar a vida e a obra de ARS, bem como os livros editados em Paris, num artigo publicado na «**Revista Contemporânea**».

Considerando tudo o que foi referido não surpreenderá que da pena de TV, um “miguelista” heterodoxo, saia o mais rasgado elogio a António Rodrigues Sampaio, um liberal assumido, ainda que tenha registado uma trajectória no espectro político que evoluiu do “radicalismo” lendário para uma postura moderada de homem de Estado.

No entanto, não é essa evolução política de ARS que TV analisa ou justifica nas suas obras que, não sendo biográficas, se propõem apresentar “um resumo consciencioso dos factos com algumas mui raras considerações”. De facto, é no homem que intervém na realidade com base nos princípios que lhe modelam a personalidade que TV centra o seu discurso: “é um escriptor vehemente e energico, de paixões vivas mas nobres, e de linguagem franca e severa, mas nunca o vi faltar a certas atenções que nem todos os seus collegas guardam escrupulosamente. A clareza da razão, a solidez do raciocínio, a vivacidade dos sentimentos, a força das convicções, a placidez do espírito, a facilidade de trabalho, o conhecimento reflectido dos negócios e dos homens, e uma sensibilidade que nas circunstâncias grandiosas o eleva ás regiões superiores da eloquência tem dado a Sampaio o primeiro logar na imprensa portugueza”.

Rita Correia  
(10.12.2006)